

## **A CONSTRUÇÃO DA LEITURA NA INTERAÇÃO DA SALA DE AULA: UMA ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVISTA**

**Ana Maria Landim Felix  
Camila Miranda Machado**

### **1. INTRODUÇÃO**

Pelos diversos estudos da área, é notório que a linguística textual, em sua versão atual, possui fortes influências da sociocognição, como fica claro, por exemplo, nos estudos de Koch (2003, 2004). Neste artigo, iniciaremos fazendo um percurso histórico do conceito de sociocognição, trazendo as contribuições de Koch e Cunha-Lima (2004), Cezario e Martelotta (2009) e Marcuschi (2007), além de ressaltar algumas pesquisas desenvolvidas nessa área em que também trazem contribuições quanto a definição atual de sociocognição. Em um segundo momento, faremos uma reflexão sobre o conceito de leitura baseada em uma concepção sociocognitivista e, em seguida, tratamos sobre a construção da leitura como um evento interativo, além de trazer um pequena análise de uma questão do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e, por fim, trazemos as considerações finais.

### **2. TRABALHANDO O CONCEITO DE SOCIOCOGNIÇÃO**

Dentre os estudos das atividades cognitivas, a linguística vem se destacando com pesquisas sobre a perspectiva sociocognitivista de língua, pois a noção de texto se encontra ampliada após as descobertas da “ciência cognitiva”. A partir desses estudos, a linguagem e a cognição passaram a ser observadas como atividades entrelaçadas e não mais separadas, estudando a língua como forma de percepção do mundo. Koch e Cunha-Lima (2004) não limitam a sociocognição ao campo da linguística. Para os autores, ela contempla também distintas áreas do conhecimento e seus estudos estão em um processo de ascensão nessas diversas áreas do saber.

Pereira (2017) pontua em sua dissertação a importância de se fazer um percurso histórico do termo sociocognição. Segundo o autor, a partir da década de 50, antecipando a sociocognição, e em oposição ao behaviorismo, a corrente cognitiva tinha como objetivo o estudo da mente humana, o que até então era com campo considerado inabitável de estudos.

O autor destaca ainda as importantes contribuições nos estudos de Pinker (1997) e Gardner (1984). Nesse momento, os estudos da mente eram de cunho lógico-matemático e tinham como objetivo apontar respostas a questões tais como: de que maneira o conhecimento se estrutura na mente? Como ocorre o funcionamento da memória? E qual origem dos nossos conhecimentos?

Para isso, pontua-se, como características dessa corrente teórica, conceber todos os processos resultantes da mente como elementos essencialmente internos, internalistas e características destinadas, inclusive, a processos decorrentes da linguagem. Porém, muitos estudiosos nos mais variados campos da linguística, tais como os sociolinguístas, pragmaticistas, analistas do discurso e outros, defendiam a língua como um elemento

social, interacional, sendo então a cognição um segundo plano de notoriedade e importância nos estudos da linguagem.

Pereira (2017) nos apresenta, ainda, a concepção de Clark (1996), demonstrando que esse teórico defende o estudo da linguagem em uma perspectiva de língua como uma ação simultânea entre a cognição e o entorno social.

Demétrio (2018) em sua tese doutoral, está de acordo com a concepção de sociocognição adorada por Koch e Cunha- Lima (2004) que entendem que não está somente relacionada a:

[...] traçar as relações entre os aspectos cognitivos e os aspectos sociais que concorrem para a constituição do fenômeno linguístico, como se estes fossem aspectos que meramente se adicionam ou se conjugam na análise da linguagem humana, como se procurar compreendê-los separadamente fosse desejável e mesmo possível. A questão não é perguntar como a interação pode influenciar os processos cognitivos, como se as duas [coisas] fossem elementos estanques. A pergunta é, ao contrário (entendendo-se a interação como parte essencial da cognição): Como a cognição se constitui na interação? (Koch e Cunha-Lima, 2004, apud Demétrio, 2018, p. 21)

No entanto, Demétrio (2018) discorda com a visão, segundo ela, simplista de justaposição de processos cognitivos e de elementos socioculturais, defendida por Cezario e Martelotta (2009). Para a autora, mais do que a soma, trata-se de uma relação de recíproca entre o social e o cognitivo.

Koch (2009) e Morato (2012) afirmam ainda que “a linguagem é tida como o principal mediador da interação entre as referências do mundo biológico e as referências do mundo sociocultural” (KOCH, 2009, p. 32).

Nessa perspectiva, faz-se necessário pontuar sobre a noção de cognição contingenciada. Para isso, levaremos em consideração a afirmação de Marcuschi (2007), quando diz que:

Trata-se, na realidade, de sugerir que, ao lado de uma forma de cognição que se dá com modelos mentais ou experimentos mentais, há uma cognição que se dá diretamente na elaboração mental vinculada a situações concretas colaborativamente trabalhadas na interação contextualizadora da língua. (MARCUSCHI, 2007, p. 19).

Assim como explica Pereira (2017) o conceito de cognição contingenciada ajuda-nos a entender, dentre outras coisas, como indivíduos podem ter desempenhos profundamente desiguais em tarefas que seriam abstratamente descritas do mesmo modo, mas que se realizam em situações sociais diferentes.

Trazemos ainda as contribuições de Bentes (2010) sobre a urgência em algumas tarefas nas pesquisas em Linguística Textual:

A meu ver, continuamos a ter pela frente uma urgência de várias tarefas dentre as quais: o aprofundamento das descrições e análises das complexas estruturas textuais; as análises dos processos cognitivos constitutivos e incorporados as interações sociais que estão na base da produção e recepção dos textos; as investigações das dimensões sociointeracionais da produção e da recepção dos textos; as investigações que enfatizam o entendimento do fenômeno textual articulando seus

Afunilando a essas perspectivas sociocognitivas de língua, adentraremos, a seguir, no campo da leitura, trazendo uma reflexão sobre abordagem da leitura em uma visão sociocognitivista.

### **3. A LEITURA ATRAVÉS DE UMA ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVISTA**

O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidade de plena participação social. Pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões de mundo e produzem cultura, conforme aponta o Parâmetro Curricular Nacional (BRASIL, 1998, p. 19).

Assim, verificamos a visão de linguagem adotada pelo manual de educação brasileira, ao contemplar o ensino da leitura e escrita através da interação verbal entre os sujeitos, entendendo que o discurso se organiza a partir das finalidades e intenções desses sujeitos e dos conhecimentos que possuem sobre determinados assuntos, por exemplo. Nessa perspectiva, o ensino da leitura deve proporcionar aos alunos o acesso as mais variadas situações textuais que poderão encontrar na vida social.

Nos estudos linguísticos, o texto passou a ser visto como "um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais", um "sistema de conexões entre vários elementos", "um evento interativo" e composto por "elementos multifuncionais", conforme Beaugrande apud Costa (2016). Costa (2016) afirma, ainda, que "É essencial ver o texto como um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais, e não apenas como a sequência de palavras que foram ditas ou escritas".

Com os estudos sociocognitivos sobre a linguagem e o pensamento (Salomão 1997, Marcuschi, 2007), passou-se a observar o fenômeno da cognição humana como um processo realizado interativamente. Com isso, as discussões sobre o ensino de leitura foram ampliadas, pois os pressupostos sociocognitivos favorecem os estudos sobre a forma como as relações sociais interferem na construção dessa leitura.

Devemos pontuar, ainda que brevemente, que a ótica sociocognitiva está imbricada com a Teoria da Complexidade<sup>i</sup>, pois esta abordagem amplia a visão de observação dos sujeitos ao construírem a linguagem através da interação, visto que tais sujeitos interagem socialmente e constroem relações e trocas de conhecimento e aprendizagem de forma não linear. Nesse viés, tomaremos, ainda, a abordagem complexa da leitura, proposta por Franco (2011a, p. 33). Podemos compreender a abordagem complexa da leitura como um fenômeno que envolve inúmeras possibilidades de interações e indeterminações. Nessa abordagem são considerados múltiplos fatores que podem se inter-relacionar no momento da leitura, como: leitor, autor, texto, contexto social, contexto histórico, contexto linguístico, conhecimento de mundo, emoções, entre outros.

O processo de ler é, portanto, essencialmente ativo. Dessa forma, ao trabalhar a leitura em sala de aula, o professor deve auxiliar o aluno a tornar-se um investigador diante do texto, valorizando o conhecimento do aluno, auxiliando-o na construção de sentido.

Na próxima seção, discutiremos sobre a importância de trabalhar a leitura sob o viés da sociocognição ao utilizar como exemplo uma questão do Exame Nacional do Ensino Médio, trabalhada por PEREIRA (2017) em sua dissertação de mestrado.

#### 4. A CONSTRUÇÃO DA LEITURA NO EVENTO INTERATIVO

A abordagem tradicional<sup>ii</sup> de leitura comumente trabalhada em sala de aula demonstra sua ineficácia pelo fato de não levar em consideração as situações específicas em que os indivíduos utilizam a linguagem ou sequer consideram os conhecimentos de mundo do aluno.

A relação professor-aluno é vista linearmente, de cima para baixo, o que sabe e o que não sabe, o que ensina e o que aprende. Assim, a construção de sentido é bloqueada, formando um sujeito sem questionamentos e, conseqüentemente, aceitando informações que lhes são impostas, desconsiderando os meios de interação.

Ao propiciar o desenvolvimento de uma concepção sociocognitiva de língua, PEREIRA (2017) trabalha questões do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) com alunos do nível médio de uma escola pública cearense. Em sua dissertação, é tomado como ponto de partida o caráter de reconhecimento e de promoção social propiciados por um bom desempenho no Enem ao investigar a teia referencial sugerida pelas questões e o caminho aparentemente realizado pelos participantes.

A seguir, discutiremos sobre a primeira questão analisada pelo autor, de linguagens e códigos e suas tecnologias:

Enem 2013, Linguagens e Códigos e suas Tecnologias, Questão 133, 2º dia, caderno azul.

*Sites de busca manipulam resultados. Redes sociais decidem quem vai ser seu amigo — e descartam as pessoas sem avisar. E, para cada site que você pode acessar, há 400 outros invisíveis. Prepare-se para conhecer o lado oculto da internet.*



ORAYATÁ, A. *Superintendente*, 79o Poésis, n.º 297, ano: 2011 (adaptado).

Analisando-se as informações verbais e a imagem associada a uma cabeça humana, compreende-se que a venda

- a) representa a amplitude de informações que compõem a internet, às quais temos acesso em redes sociais e sites de busca.
- b) faz uma denúncia quanto às informações que são omitidas dos usuários da rede, sendo empregada no sentido conotativo.
- c) diz respeito a um buraco negro digital, onde estão escondidas as informações buscadas pelo usuário nos sites que acessa.
- d) está associada a um conjunto de restrições sociais presentes na vida daqueles que estão sempre conectados à internet.
- e) remete às bases de dados da web, protegidas por senhas ou assinaturas e às quais o navegador não tem acesso.

Após apresentar a questão e os participantes lerem para respondê-la, o pesquisador dialoga com os sujeitos, com o intuito de compreender como chegaram a

determinadas respostas. Assim, apresentaremos abaixo a transcrição de um desses diálogos:

**A.R.** – Ah, eu marquei C. Assim, eu tinha entendido... eu vi **a venda**, né... aí eu não entendi que era a venda, essa venda aí, entendeu?

**Pesquisador** – Pensou que era **a venda** de vender?

**A.R.** – Isso! Eu não entendi: o que é que tem a ver **venda** com isso aqui? Aí eu julguei de acordo com a imagem em si, entendeu? Aí, diz assim: diz respeito a um buraco negro digital, onde estão escondidas as informações buscadas pelos usuários nos sites que acessa, aí tem tipo uma cabeça aberta e um monte de coisa assim [a aluna faz gestos evidenciando a imagem da cabeça repleta de coisas]. Achei que podia ser isso, entendeu? [...] Algo como um buraco negro... Mas... não é nem no sentido literal de buraco negro. É tipo aquele negócio de buraco negro que pega tudo, suga tudo, aí seria quando a gente tá lá, por exemplo, na internet e vê tal informação e não usa o senso crítico... só absorve, entendeu? Aí você absorve tudo o que você vê... aí eu usei aquele negócio do **Help**, do **pedindo ajuda**.

Como podemos perceber na fala de A.R., o participante declarou não ter realizado a leitura de acordo com o que a questão solicitava e acabou fazendo outras relações para a construção do sentido. Para esse participante, a não compreensão adequada do termo associado a imagem comprometeu o entendimento da questão como um todo.

Com esse exemplo, podemos averiguar, segundo a perspectiva da cognição contingenciada, que não podemos determinar que os significados serão acessados de mesma forma por leitores diferentes. No exemplo apresentado, o vocábulo "venda" foi compreendido como o verbo "vender" e não como esperava a questão ao colocar a imagem de uma cabeça com uma "venda" (faixa cobrindo os olhos).

Assim, verificamos que, conforme a abordagem sociocognitivista da língua, se não houvesse esse momento de discussão sobre como os alunos chegaram a determinadas respostas, o participante poderia não ter sido levado a perceber os elementos da imagem e associá-los de forma a responder à questão corretamente. Dessa forma, fica evidente que isso só foi possível através da interação professor-aluno e, ainda, a interação aluno-aluno para a construção de sentido.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, abordamos a leitura por um viés sociocognitivo enfatizando a perspectiva interacional. Ao considerar essas abordagens, utilizamos como exemplo uma análise apresentada por PEREIRA (2017) em sua dissertação de mestrado, com o intuito de demonstrar a abordagem sociocognitivista de língua na prática da sala de aula. Com isso, podemos dizer que os alunos do ensino básico, ao ler um texto em sala de aula, já internalizaram o material didático, identificando que deverá responder tarefas para cumprir padrões de respostas.

Com a abordagem sociocognitivista da língua e, conseqüentemente, a interação no contexto escolar vem a desconstruir esse padrão internalizado, demonstrando a importância da convivência e da partilha de conhecimentos. Com essa prática, o foco estará no processo de aprendizagem e não no resultado final; resultado esse muitas vezes, descontextualizado da realidade dos alunos.

## REFERÊNCIAS

BENTES, A. C. A abordagem do texto: considerações em torno dos objetos e unidades de análise textual. In: *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, Vol. 1, pp. 18, pp.139- 156, 2010.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COSTA, Maria Helenice Araújo; MONTEIRO, Benedita Conceição; ALVES; Luiz Eleildo Pereira. *Ensino de leitura na perspectiva do texto como evento: o desafio de fazer emergir o sentido*. Diadorim (Rio de Janeiro), v. 18, p. 42-66, 2016.

DEMÉTRIO, Alana Kercia Barros. *Aspectos epistemológicos da sociocognição no discurso reflexivo de Clarice Lispector sobre o dizer: o malogro da voz e o esplendor de ter uma linguagem*. Tese de doutorado. Programa de Pós- Graduação em Linguística Aplicada, na Universidade Estadual do Ceará, 2018.

FRANCO, C. P. *Por uma abordagem complexa de leitura*. In: TAVARES, K.; BECHER, S.; FRANCO, C. (Orgs.). *Ensino de Leitura: fundamentos, práticas e reflexões para professores da era digital*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2011a. p.26-48. Disponível em: Acesso em: 22 dez. 2018.

KOCH, I. G. V.; *A construção dos sentidos no discurso: uma abordagem sociocognitiva*. Investigações, Recife, v. 18, n. 2, p. 9-38, jul. 2005.

\_\_\_\_\_; CUNHA-LIMA, M. L. Do Cognitivismo ao Sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 251-300.

\_\_\_\_\_; MORATO, E.M.; BENTES, A.C. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

PEREIRA, Hylo Leal. *O processo de coconstrução da cadeia referencial em questões do ENEM por estudantes do ensino médio*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, na Universidade Estadual do Ceará, 2017.

---

<sup>i</sup>A complexidade e suas implicações são as bases do denominado pensamento complexo de Edgar Morin, que vê o mundo como um todo indissociável e propõe uma abordagem multidisciplinar e multirreferenciada para a construção do conhecimento.

<sup>ii</sup>Entende-se como uma abordagem fundamentada na concepção de leitura como processo de decodificação e/ou uma forma de avaliação e na concepção de texto como conjunto de elementos gramaticais e repositório de mensagens e informações. (KLEIMAN, 1995)